

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

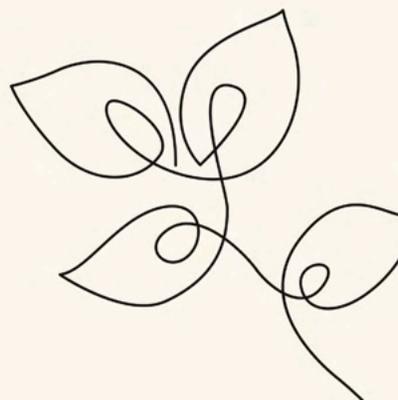
 **Atena**
Editora
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)

*Apresentador da palavra, Descontenedor do mundo,
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

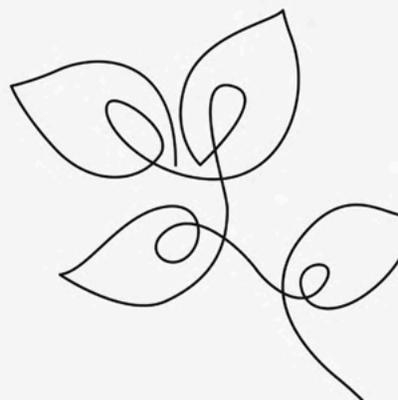
**Atena**
Editora
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 5

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 5 / Organizadoras Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, Jacinta Lúcia Rizzi Marcom. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-500-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.003212209>

1. Educação. I. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). II. Marcom, Jacinta Lúcia Rizzi (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Num olhar aguçado sobre o momento pandêmico vivido contactou-se que a educação precisou se reinventar e ressignificar para continuar desempenhando seu papel, de construir o conhecimento.

Nesse contexto, a educação, a formação e profissão docente, as metodologias, o processo avaliativo e as relações entre professor e aluno receberam uma pitada de desafios para repensar conceitos, a fim de atender padrões estipulados pelas novas perspectivas da educação escolar.

O ato de ensinar tem se tornado cada vez mais complexo e abarca múltiplas dimensões. Destacamos as novas possibilidades de articulação entre a docência e sua formação, mais alinhado ao uso de novas ferramentas multimidiáticas e tecnológicas, adequadas ao século XXI. Através dessa nova formação, promover o desenvolvimento das competências e metodologias necessárias para a atuação docente na contemporaneidade.

Com esses parâmetros, instigamos os leitores a colocar-se diante dos problemas vivenciados pela sua práxis, abrindo as janelas para outros olhares propostos pelos estudiosos e suas obras.

Esta obra contempla dois temas complementares. O primeiro tema entre os Cap. I ao Cap. X aborda e correlaciona as discussões sobre a profissão docente. Todas as pesquisas e produções desses capítulos compõem uma tessitura textual para discutir histórias de vida, trajetórias profissionais, experiências de estágios à luz de teorias pedagógicas e educacionais. Construídos em uma dialética com os referenciais teóricos que embasam o debate sobre a formação docente e iluminam a formação de sujeitos humanos.

A carreira do magistério coloca os sujeitos frente a contínuos desafios, experiências únicas e novas reflexões sobre seu fazer em sala de aula. Ser professor é um ato revolucionário, político, democrático e social!

Por isso, esta obra veio para contribuir com o debate sobre a precarização do trabalho docente. Refletir sobre as representações sociais no processo de desenvolvimento e os desafios propostos pelo momento pandêmico que requer mudanças estruturais na sociedade. Reconhecer a necessidade de autonomia dos docentes com relação a sua profissão, e destacar a importância de construirmos novas políticas de formação coerentes. Nas palavras de Nóvoa (2011, p. 23) “A única saída possível é o investimento na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional”.

Com esse intuito, a parte 2 desse ebook, se debruça a compor diversas reflexões que se complementam. Esta obra possibilita ao leitor propor avanços significativos na discussão de temas atuais iniciando pela comparação entre a capacidade formativa e o potencial mercadológico das formações. Apresenta elementos para discutir sobre a falta de políticas públicas eficientes e do crédito que deve ser dado aos momentos de trocas

de experiências entre os pares em programas de formação continuada, vivenciados pelos profissionais que atuam na educação básica, na educação profissional e no ensino superior.

Nestes tempos plurais, múltiplos e difíceis, esta obra fomenta a discussão da profissão e da formação docente. Propondo medidas que visam compreender os significados atribuídos não apenas ao que foi pesquisado. Mas, também, promover reflexões constantes sobre seu fazer na dialética com o mundo. Essa formação ao longo da vida é complexa e requer construir espaços de troca de saberes para que a docência seja cada vez mais humanizadora.

Uma boa e questionadora leitura a todos!

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

REFERÊNCIAS

NÓVOA, A. **O Regresso dos Professores**. Pinhais: Melo, 2011.

SUMÁRIO

V. PROFISSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE DIÁLOGOS CONVERGENTES E ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR

CAPÍTULO 1..... 1

FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA CULTURA DIGITAL: DESAFIOS E COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Ana Paula Teixeira Porto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122091>

CAPÍTULO 2..... 20

IDENTIDADE DOCENTE E BAKHTIN: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

Manuely Vitória de Souza Freire Xavier

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122092>

CAPÍTULO 3..... 28

HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES: MOTIVAÇÕES, MUDANÇAS E DESAFIOS AO LONGO DA CARREIRA DOCENTE

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Alexandra Ferreira Martins Ribeiro

Aline Ribas dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122093>

CAPÍTULO 4..... 43

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA AMAZONENSE

Danilza de Souza Teixeira

Aldair Oliveira de Andrade

Jadson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122094>

CAPÍTULO 5..... 67

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA (2000 - 2010)

Vanessa Cristina Meneses Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122095>

CAPÍTULO 6..... 74

CONTRIBUIÇÕES DAS NEUROCIÊNCIAS PARA O FAZER DOCENTE

Neide Barbosa Saisi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122096>

CAPÍTULO 7	86
CONCEPÇÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NA ÁREA DA SAÚDE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
Carolina Tizzot de Munhoz Furtado Ivete Palmira Sanson Zagonel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122097	
CAPÍTULO 8	101
ELEMENTOS ESTRUTURANTES DO PROCESSO IDENTITÁRIO DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA	
Maria Lídia Paula Ledoux Tadeu Oliver Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122098	
CAPÍTULO 9	118
O PERCURSO PROFISSIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS JOVENS DOCTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA	
Andréia Fernanda Moletta Karina Soledad Maldonado Molina	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122099	
CAPÍTULO 10	125
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Laisa Pinho de Souza Jussara Figueiredo Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220910	
CAPÍTULO 11	130
OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NAS LICENCIATURAS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES	
Cláudia Regina Costa Pacheco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220911	
CAPÍTULO 12	140
ENTRE A CAPACIDADE FORMATIVA E O POTENCIAL MERCADOLÓGICO: UM RETORNO À LITERATURA NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL HOJE	
José Cândido Rodrigues Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220912	
CAPÍTULO 13	155
A REFLEXIVIDADE DE DONALD SCHÖN E AS POLÍTICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL NA DÉCADA DE 1990	
Joceli de Fatima Arruda Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220913	

CAPÍTULO 14..... 166

MULTIPLICANDO SABERES – A IMPORTÂNCIA DA TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Nívia Maria Scanferla Moura Rossi

Angela Maria Magalhães Liguori

Brígida Bredariol

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220914>

CAPÍTULO 15..... 173

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE NO BRASIL: UM OLHAR A PARTIR DA PROPOSTA DO ENSINO HÍBRIDO PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Luana Alves dos Santos

Analice Gonçalves Rodrigues de Mendonça

Luciana Valéria Leão Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220915>

CAPÍTULO 16..... 186

UNIVERSIDADE PÚBLICA E FORMAÇÃO DOCENTE: TRILHAS E ILHAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Osmarina Guimarães de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220916>

CAPÍTULO 17..... 198

A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM SERGIPE EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA AUDITIVA

João Paulo Attie

Alanne de Jesus Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220917>

CAPÍTULO 18..... 208

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO TEMA TRANSVERSAL EM DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ALTAMIRA - PA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Claudinéia Terra Vieira

Leonardo Pinto da Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220918>

CAPÍTULO 19..... 216

O ENSINO DE ESTATÍSTICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS BÁSICAS NA CIDADE DE ARAPIRACA- AL

Thainã Thatisuane Oliveira Sena

José Clebson dos Santos (*in memoria*)

Ademária Aparecida de Souza

Antônio Lucrécio dos Santos Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220919>

CAPÍTULO 20.....	229
PROGRAMA GESTAR: UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM VILHENA - RO	
Claudia Aparecida Prates Bruna Fonseca Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220920	
CAPÍTULO 21.....	239
SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO PIBID: DIÁLOGO COM UM PROFESSOR EGRESSO DA UFSCAR-SOROCABA	
Valtair Francisco Nunes de Brito	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	249
ÍNDICE REMISSIVO.....	250

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA AMAZONENSE

Data de aceite: 02/09/2021

Danilza de Souza Teixeira

Universidade Federal do Amazonas
<https://orcid.org/0000-0002-9098-8766>

Aldair Oliveira de Andrade

Universidade Federal do Amazonas
<https://orcid.org/0000-0001-5205-9766>

Jadson Justi

Universidade Federal do Amazonas
<https://orcid.org/0000-0003-4280-8502>

RESUMO: O objetivo deste estudo é descrever a trajetória de vida de uma professora do Estado do Amazonas. A realização deste manuscrito justifica-se na necessidade de se valorizar a história de vida educacional, pessoal e profissional do ser humano em momentos de desvalorização social. Metodologicamente, este estudo enquadra-se como um relato de experiência. Discute-se por meio de narrativa histórica a realidade vivenciada por uma mulher que acredita que cada momento de vida é relevante e o resultado disso é um ser multicultural cheio de experiências por meio de aprendizados e reaprendizados constantes. Nessa lógica, a humanidade é inacabada e à medida que o indivíduo influencia também é influenciado. Conclui-se, por meio da trajetória de vida de uma mulher cheia de experiências positivas ou não, que este estudo pode contribuir para uma reflexão social. Por fim, a trajetória de parte da vida relatada contribui como um estímulo ao estudo e à luta diária para o bem comum, seja

ele profissional, social, educacional, emocional ou moral.

PALAVRAS - CHAVE: História de vida. Ser professor. Relato de experiência.

LIFE STORY OF A TEACHER FROM AMAZONAS

ABSTRACT: This research aims to describe the access of former students of Youth and Adult Education to higher education at a public university in the municipality of Parintins, Amazonas, Brazil. The methodology of this study is qualitative. The participants are three academics who have graduated from Youth and Adult Education and are studying undergraduate education. Data collection occurred through a semi-structured interview based on a script developed by the researchers of this research. The results show that the access of students from Youth and Adult Education to higher education is marked by several difficulties that permeate from the selection process to higher education until the conclusion of the course. It is concluded that the experience in Youth and Adult Education influences the continuation of the student's school life, and that when entering higher education, such experiences arising from the basic educational process may confront in their stay at the university. Such consideration is supported by the logic of little study on the part of the students associated with the countless social problems experienced throughout the student's life.

KEYWORDS: Life story. Be a teacher. Experience report.

1 | INTRODUÇÃO

Escrever esse relato de experiência permite relembrar fatos ao longo da vivência de uma professora da realidade do Estado do Amazonas, muitas secretas; outras, nem tanto. Todavia, rememorar requer uma certa tranquilidade e perspicácia para fazer emergir o que realmente é relevante para a história. Relatam-se com este estudo lembranças das experiências vividas de uma professora (aqui chamada ficticiamente de Luz), as quais se percebem, com movimentos, sons e olhos fechados, as lembranças das vozes. Narrar e refletir sobre as vivências nem sempre é algo fácil, pois, muitas vezes, remete-se também a lembranças não tão agradáveis.

A problemática que norteia este relato de experiência parte da reflexão de que a história de vida das pessoas deve ser valorizada, haja vista que a atual conjuntura social brasileira desvaloriza a história humana, e esse cenário é observado principalmente em nações que não reconhecem a educação como aporte integral para o futuro humano por parte de seus representantes. Desta forma, será contada, de forma ascendente, um pouco da trajetória educacional e profissional e como o ser professora universitária tem se constituído na subjetividade de uma mulher amazonense.

Para tanto, inicia-se relatando sobre a primeira infância de Luz e o lugar onde nasceu, da passagem pelo ensino de 1º Grau e formação em magistério, o início da vida como profissional e também se descreve um pouco da vida como mãe, esposa e cidadã. Nota-se que a história de vida de Luz, em inúmeros momentos, se entrelaça com a história profissional, algo comum para a realidade de todo trabalhador que se preze.

Assim, apresentam-se os caminhos percorridos, percebem-se no momento de imersão as memórias gestaltianas inacabadas, sempre em busca de aperfeiçoamento multidimensional. Vibra pujantemente no íntimo a necessidade de percorrer sempre outras estradas e continuar se aperfeiçoando no aprender e na análise de determinadas questões humanas sob a égide de novos conhecimentos trazidos pela percepção que a maioria das pessoas demora a enxergar durante a vida. Partindo disso, é que se descobre que é preciso sempre se reinventar, mas nada aleatório, sempre consciente do caminho que precisa ser tomado. Essa nova direção não descarta as vivências anteriores, porém as utiliza para que se tenha segurança na jornada seguinte.

Esse relato de experiência ocupa-se de um universo de significados, de motivos, de aspirações das crenças dos valores e das atitudes (LEITE, 2008). Assim, emerge-se nas memórias, e, ao mesmo tempo, reflete os acontecimentos que Luz pôde experienciar e suas interferências no caminhar temporal. Como técnica de um relato de experiência utilizou a narrativa com ênfase na história de vida, com base em um rascunho do necessário para compor um fluxo teórico que os autores deste manuscrito acreditam ser relevante para o meio acadêmico. Para tanto, o objetivo deste estudo é descrever a trajetória de vida de uma professora amazonense.

1.1 Luz: o início da vida

Para iniciar, é preciso relatar um pouco da história e do lugar onde Luz nasceu, isto é, de onde veio. Somente conhecendo um pouco da subjetividade de vida é que se compreendem seus modos de ser, suas posturas diante de muitos fatos, seu crescimento moral e intelectual, conquistas e lutas que foram travadas em cada uma das etapas temporais.

Luz nasceu de uma família habitante da zona rural, chamada Santo Antônio, município de Parintins, Amazonas, Brasil. Essa comunidade, na atualidade, recebe o nome de Agrovila do Caburi, onde, na última visita dos autores, mantiveram um diálogo com os moradores locais e, segundo informações colhidas, sua população chega aproximadamente a cinco mil habitantes. Das lembranças de Luz no período de infância, o que ainda permanece, patentemente, é o Centro Social e a igreja de São Sebastião que estão instaladas em frente da comunidade, podendo ser vistas de longe, quando o barco adentra o Lago do Caburi.

Naquela época, 1973, poucas famílias moravam na comunidade. Em lembranças, Luz vê a igreja, o Centro Social Comunitário, algumas poucas famílias que habitavam na comunidade, a maioria dos comunitários morava distribuída nas cabeceiras do Lago do Caburi (Figura 1). Esclarece-se ainda que Mendonça Furtado, cumprindo ordens de Portugal, por intermédio do Ministro Pombal, determinou que tropas do Grão-Pará deveriam subir ao Amazonas para expulsar os Jesuítas da região, sendo designadas as tropas do Cabo Vilela, que foi morto pelos índios locais. Mendonça Furtado organizou outra tropa com o intuito de punir os índios, a tropa do Cabo Ari. O cabo também foi emboscado pelos índios entre um lugar chamado Comprido e o Lago do Igarapé, cujo caso ficou conhecido e veio passando pelas gerações que habitaram esse lugar como o “caso do Cabo Ari” e, com o tempo, o lago foi denominado Lago do Caburi (RODRIGUES, 1993).

Seus moradores reuniam-se apenas aos domingos para ir ao culto, assistir às partidas de futebol, tomar cachaça, conversar, planejar os puxiruns, quando do período da plantação. Elucida-se que puxirum está relacionado ao ajuntamento dos comunitários para a plantação de mandioca, juta ou capim para o gado. Era feito um calendário e no dia aprazado todos estavam presentes para ajudar, em uma sucessão de encontros. Contemporaneamente conhecido como mutirão na região.

Luz não tem ideia de quantas famílias moravam na localidade. Essas lembranças foram trazidas na memória dos tempos de criança, quando lá passou os primeiros seis anos.



Figura 1 - Vistas panorâmicas: a) entrada da Agrovila do Caburi; b) Lago do Caburi

Fonte: Maciel (2018) e Tenório e Soares (2013).

Luz e família moravam em uma cabeceira chamada Laguinho, em uma casa de assoalho, com cozinha e fogão a lenha, onde o fogo crepitava do raiar do dia ao pôr do sol quando o jantar estava sendo finalizado. O meio de comunicação existente na casa era apenas um rádio a pilha. Por meio do programa Voz do Brasil, os adultos sabiam das notícias. Além disso, todos da família ouviam as músicas da época. Para Luz, o melhor programa era chamado Hora Alegre da Criança da Rádio Alvorada de Parintins, que alegrava as tardes, as histórias infantis criavam um mundo, e esse momento em parte se eternizou em sua mente.

Com algumas cabeças de gado no campo (algo comum na região), Luz levantava cedo para ver tirar o leite e também tomá-lo quente, extraído diretamente das tetas das vacas. Luz lembra dos folguedos com primos de primeiro, segundo e terceiro grau, pois a maioria dos vizinhos era parente. Recorda também dos pulos na água do tempo da enchente (fenômeno com muita água no rio), a pescaria com seu avô na vazante (fenômeno com pouca água no rio) quando os igapós secavam e os galhos das árvores ficavam à

mostra e neles brincava se balançando de galho em galho. Já durante a fase da vazante, deixava o leito do rio seco, e, mesmo assim, a sua água era usada para tomar banho, cozinhar e beber. Era de um olho d'água, que vinha sua água gelada na época e continua (na atualidade) dando vida a um lago pequeno da região.

Seu avô, um simples juteiro e pescador, morava em outra localidade, chamada Ilha das Onças (área de várzea no mesmo município), trabalhava para sustentar a família e sua esposa (avó de Luz) dona de casa, condição comum às mulheres oriundas daquela região. Luz foi a terceira filha de uma família de nove irmãos. Quando completou um ano e seis meses, seus pais lhe deram para seus avós maternos, o que lhe resultou uma nova história. Cresceu em um lar de agricultores, seus avós eram analfabetos, mas tinham um modelo de criação rígida, com princípios baseados no catolicismo.

Seus avós lhe ensinaram o respeito aos mais velhos, a obediência às ordens estabelecidas, a não pegar nada que fosse de outra pessoa, a pedir sempre que precisasse de algo, ficar calada quando adultos estivessem conversando e muitos outros princípios inerentes à compreensão do que seria uma pessoa de bem para a família da época.

1.2 O caminho da escola

O caminho da escola levou Luz para longe de casa e de seus avós. Quando completou a idade escolar, seus avós resolveram que seria melhor estudar na cidade, pois, na comunidade a qual pertenciam, a escola funcionava no salão paroquial, os professores eram leigos e seus avós queriam que ela tivesse mais oportunidades de estudo e, conseqüentemente, crescimento profissional.

Logo, fora morar com sua irmã, que era casada e residia na sede do município. Pela Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que tratava do Ensino de 1º Grau, conforme o artigo 19, as matrículas para ingresso eram realizadas com a idade mínima de sete anos (BRASIL, 1971). Com essa idade, Luz iniciou sua aventura escolar. Não realizou o Jardim de Infância (atualmente, Educação Infantil, pela Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e não sabia ler e nem escrever quando entrou no primeiro ano na Escola Estadual Suzana de Jesus Azêdo, cursando neste estabelecimento educacional do 1º ao 4º ano do 1º Grau (Figura 2) (BRASIL, 1996).



Figura 2 – Entrada principal da Escola Estadual Suzana de Jesus Azêdo

Fonte: Tenório (2013).

O fato de não ter passado pelo Jardim de Infância a colocou na posição de pouco inteligente, situação que lhe fez ficar no primeiro ano fraco. Na sua sala ainda havia a separação entre os que sabiam mais e os que sabiam menos. Luz ficou no grupo dos que sabiam menos, e isto marcou sua vida.

O paradigma tradicional vivenciado nas escolas cunhava o modo de agir dos professores. Foi nessa perspectiva que estudou o 1º ano, e achava normal a separação para a época. Os pais ou os responsáveis legais davam total autoridade para os professores, ou seja, autonomia para vários tipos de repreensão, por exemplo: a palmatória ficava sobre a mesa e os castigos eram constantes, como ficar em pé de costas para a parede, de joelhos, ou mesmo os puxões de orelhas eram comuns e sequer se reclamava em casa (MANACORDA, 2001).

A pedido de sua avó contratou-se uma professora particular para possibilitar melhor aprendizagem (alfabetização). A professora, vizinha de sua irmã, era leiga, a ensinava da forma tradicional, e na escola não era diferente. A professora Margareth, com seus cabelos encaracolados, lábios carnudos lhe veem à lembrança, trabalhava com a cartilha *Caminho Suave* (Figura 3).

Luz se recorda do texto *Passarinho*. Ao chegar da escola, contou para sua irmã da leitura que seria cobrada no dia seguinte. Logo, ela disse-me: “Leia para mim”. Luz inocente iniciou: “Veja o passarinho. Ele bicou o pêssego. O pêssego ficou furado.” (pêssego não era uma fruta que conhecia e, ainda na atualidade, somente a conhece por compotas vendidas em mercados). A leitura foi lida como se não houvesse acento na palavra “pêssego” (o que gerou uma fonética incorreta em sua sonoridade), e, por isso, levou um cascudo inesquecível. A partir daquele dia nunca mais pediu auxílio para aprender a ler, ainda dá

boas risadas ao contar essa história, pois Luz deixa sua irmã envergonhada pelo que fizera no passado.



Figura 3 – Material usado para alfabetização de Luz – cartilha Caminho Suave e o texto Passarinho

Fonte: Bruno (2017) e Garcia (2017).

Luz relata que foi difícil, mas que não repetiu nenhum ano escolar, passando sempre com boas notas. Do 5º ao 8º ano estudou em uma escola pública estadual: os primeiros dois anos no período vespertino e os últimos dois, no período noturno. Nesse período, ficou um tempo com sua irmã e outro em casas de família para garantir um local para ficar, pois seus pais continuavam morando na área rural. Foi difícil a adaptação, mas continuou firme, sem reprovar. O que a marcou nessa fase foi a postura da professora de matemática, que deixava os alunos em pé quando erravam alguma questão dos exercícios. Por mais que naquela época achasse a situação constrangedora (ficar em pé em um determinado tempo), hoje vê o quanto a fortaleceu, pois, diante desse episódio, se sentia na necessidade de reforçar o aprendizado formal e se empenhava nas leituras e nos exercícios de repetição das atividades de sala de aula.

Por outro lado, Luz também morou com uma tia, que era proprietária do cinema local, ficando lá por um tempo. Morou em outras casas de família, como se fosse filha e com direito à moradia, à comida e às roupas que já tinham sido usadas pelos filhos dos donos da casa, e, em outras, fazia o papel de doméstica. Era a oportunidade do momento, desperdiçá-la significava voltar para casa e ser agricultora e Luz não queria isso para sua vida. Mesmo

na fase de criança, Luz sabia que estudar era algo promissor. Aparentemente, esse relato de vida é uma história que ocorre de forma usual, e que é contada por pessoas carentes da sociedade, mas se levanta a ideia de que um relato nesse molde não é comum, sendo divulgado por meio de um manuscrito destinado à acadêmica universitária. Tal feito não só beneficia a comunidade em geral, como também as ciências que estão intrinsecamente sendo estudadas por ela, como a antropologia, sociologia, psicologia e outras tantas que apresentam no ser humano seu sujeito de estudo de forma direta ou indireta.

Contudo, grande parte da sociedade brasileira é oriunda de muitas comunidades, guetos, rincões perdidos na mata (principalmente as pessoas da região amazônica), e, quando cientes de uma perspectiva melhor, seguram com as mãos firmes e mesmo que venham a cair tendem a serem persistentes. Foi nessa luta que Luz terminou o 1º Grau em 1989. Seu avô faleceu nessa época e sua avó foi morar na cidade, período difícil, porém se fortaleceu e se tornou o alicerce de apoio na caminhada.

Partindo disso, “A educação visa à formação para a cidadania, a integração e participação na convivência humana. Se não contribuir para formar o novo cidadão, não estará realizando aquilo que lhe deve ser específico [...]” (ROSSA, 1991, p. 15). Desse modo, Luz acredita que a educação é pensada para as pessoas mais carentes, o ensino politécnico, instituído para dar mão de obra barata e implantada por muitos governos. A educação moral e cívica, disciplina que cursou no 1º Grau, foi muito proveitosa, ensinava o respeito, a moral, a boa conduta, mas o que está intrínseco no currículo oculto dessa disciplina fecha a visão e faz obedecer. A questão que se faz é: A quem se faz obedecer? É bem provável que a resposta dessa indagação são aos que o governo quer. Logo, Luz relata que é fruto dessa educação que outrora se fazia tão presente na vida escolar.

Finalizado o 1º Grau, era o momento de se profissionalizar, essa era a ideia dos familiares de Luz que acreditavam que um emprego era o cerne da formação, e também era o de Luz, a necessidade de trabalho era extrema. No município em que vivia, as escolas ofereciam o magistério em nível médio, técnico em administração, técnico em contabilidade e técnico em enfermagem. Sua família então optou pelo magistério, pois era a formação com mais possibilidade de conseguir trabalho na região. Cursou o magistério em um colégio evangélico de Parintins, escola pertencente à Igreja Batista e conveniada com o governo do Estado do Amazonas. Suas normas eram de uma rigidez que amedrontavam os estudantes, mas, além delas, havia naquele tempo (1990) muitas palestras sobre drogas, alcoolismo, gravidez na adolescência, pastores que vinham de outras Igrejas Batistas brasileiras e conversavam com os alunos. Havia uma preocupação muito grande com os jovens, o risco de se viciar nesse período juvenil é grande pelos arrastamentos que envolvem o desenvolvimento da maturidade.

Contudo, foi no magistério que empreendeu o estágio supervisionado, disciplina que possibilitou o encontro com os alunos do Jardim de Infância e, especificamente, os alunos dos anos iniciais. Luz estagiou primeiro no Jardim e a professora dessa sala adoeceu e

teve que assumir a turma. Para Luz, a experiência não foi satisfatória, ela estava no estágio para observar a professora ministrar suas aulas e planejar com ela. Ao assumir a sala, criou certa resistência em ministrar aulas para crianças, o que acredita até os dias atuais não ter habilidade para tal. Comenta ainda que a Educação Infantil não lhe atrai como profissional.

O estágio de Luz com alunos de anos iniciais aconteceu em uma Escola Estadual situada em Parintins. Os alunos que cursavam magistério conheciam todas as turmas e, após esse momento, escolhiam uma turma para ministrarem aulas como parte do estágio. Luz escolheu o terceiro ano, sala que observou por mais tempo.

1.3 Professora iniciante

Luz finalizou o magistério em 1992, e, em 1993, prestou concurso público do Estado (AM), mais não foi aprovada, e nesse mesmo ano fez uma formação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com uma professora oriunda de Manaus, cuja oportunidade se deu por sua irmã ministrar aulas na escola de surdos que existe no município de Parintins. A gestora local permitiu sua participação, e, com isso, recebeu certificado e muito aprendizado, entretanto, naquela época, não sonhava se habilitar para trabalhar com alunos surdos.

Em 1994, Luz foi para Manaus aventurar-se em casa de família, precisava sair do comodismo e ir à busca de trabalho, não podia ficar esperando. Conseguiu o trabalho, mas, com três meses, laborando naquela casa, recebeu a visita de uma amiga da família, que no período de festas de boi (festa folclórica tradição de Parintins) sempre se hospedava em sua casa para assistir ao festival folclórico. Ela trabalhava na Secretaria de Educação do Estado e perguntou para a Luz se estaria disposta a ministrar aulas no município de Manaquiri, onde havia duas vagas e nenhum professor com disponibilidade para assumir naquele momento.

Luz pensou, serei professora, porém se lembrou também que, nesse período, se assumiam muitos cargos por indicação e geralmente eram indicações políticas, a velha troca de favores eleitorais. Mesmo assim aceitou a proposta, despediu-se da dona da casa e no outro dia estava na Secretaria, e a gestora da única escola estadual no município de Manaquiri estava lhe aguardando. Viajou sem dinheiro algum no bolso, contando apenas com a ajuda da gestora da escola de destino que subsidiou a viagem, a moradia, os mantimentos e ajuda moral para chegar aonde precisava. A escola de destino ficava na sede do município, mas tinha núcleos nas várias comunidades com até quatro salas de aula.

Luz foi para Janaucá, onde funcionava um núcleo com o Ensino de 1º Grau, era o maior núcleo depois da sede funcionando nos turnos diurno e noturno. Foi lotada no 2º e 3º ano, usava os livros didáticos indicados, realizava seu plano diário de aula, as turmas já eram separadas e não multisseriadas como em algumas comunidades do município. Ela ainda recorda que o incentivo (na época) dos docentes era subsidiado por instrumento de madeira (palmatória), lisa e envernizada, que, de certo modo, inibia os estudantes

pela prática do ensino tradicional. Os alunos não se mexiam na cadeira, os professores andavam entre as filas e por mínimo motivo que fosse o instrumento corretivo era usado. Luz não a usava como castigos, sempre teve horror à palmatória, já que não tinha boas lembranças desse instrumento de correção usado há tempo e com autorização dos pais.

A punição no sentido que lhe é próprio na escola carrega uma trajetória de milênios, e a corrigenda sempre foi autorizada. No entanto, hoje, com as novas legislações, os professores estão mais comedidos, todavia ganha uma atitude mais sutil em decorrência dos inúmeros processos existentes (LIMA, 2010).

Nesse período, surgiu para a Luz a oportunidade de formação para trabalhar com o 5º e 6º ano, o adicional no município de Caapiranga, AM. Viajaram três colegas e Luz, iniciaram a formação em Estudos Sociais, habilitação para ministrar aulas de história e geografia. Infelizmente, elas haviam perdido duas disciplinas as quais foram cursadas uma no próprio Centro de Formação Profissional Pe. José de Anchieta e a outra em momento distinto no Careiro da Várzea, AM. No entanto, a formação em Estudos Sociais foi uma aventura pelas peculiaridades do Amazonas, geograficamente sendo um Estado onde para se chegar a outros lugares a rota fluvial é a única via de acesso.

As aventuras da formação trouxeram expectativas. Por meio de curso modular, as disciplinas foram ofertadas em um período exíguo, as condições de aprendizagens foram minimizadas pelo tempo, pela inabilidade muitas vezes de compreender os conteúdos organizados. Mesmo assim, essas condições não interferiram quando se existe uma ação reflexiva entre o que se aprendeu, entre o que se conhece e o que se pode fazer para sanar as lacunas detectadas nesse processo construtivo da formação.

Todavia, o ato de refletir não é uma ação que todos realizam. O amadurecimento do ser humano tende a analisar sua condição de ser e estar no mundo, e nem sempre é eficazmente realizada. Naquele período, essa reflexão não fora feita por Luz. Na atualidade, com um olhar crítico e reflexivo, ela acredita poder pensar na essência, e a partir de considerações multidimensionais procura agir de forma politicamente correta.

Em 1995, fez concurso municipal em Manaquiri, sendo aprovada, assumiu a cadeira e permaneceu no município até 1998 quando pediu exoneração e voltou para sua cidade por motivos familiares. Ali pôde conhecer outras comunidades nas quais ministrou aulas e com o adicional trabalhou no ensino de 1º Grau, no 6º e 7º ano.

O retorno para a casa trouxe-lhe outros direcionamentos. Desempregada, procurou emprego na prefeitura de Parintins e conseguiu uma carga horária para a Gleba da Vila Amazônia, trabalhou com Educação de Jovens e Adultos em 1999. Relata, ainda, que a experiência foi muito proveitosa, já que seu público eram adultos que buscavam aprender a ler e escrever. Desta forma, buscou contextualizar com sua identidade, após conhecer Paulo Freire (1921-1997), e apenas após a graduação em Pedagogia compreendeu o seu fazer de forma eficaz.

No ano seguinte iniciou a trajetória que lhe levou para a pós-graduação (lato sensu)

e comenta que procurou ficar em Parintins com as oportunidades que lhe foram ofertadas. Logo, Luz reflete que o homem vai aonde a correnteza o leva, pode desviar, nadar para outra direção, mas a força da água o cansa, então, ele deixa se levar para o porto mais próximo, sem luta, mas observando o espaço percorrido, os desafios e os salva-vidas que lhe são arremessados pelos observadores que não querem que se afogue.

Assim, Luz chegou até uma escola de Áudio e Comunicação de Parintins e agarrou tudo que lhe foi apresentado como oportunidade, percorrendo seus espaços, conhecendo os professores, os alunos que não eram somente surdos, mas havia também estudantes com déficit intelectual, com transtorno do espectro do autismo e múltiplas deficiências. Entre estes, os alunos surdos foram os que chamaram sua atenção e surgiu a oportunidade de aprender de maneira eficaz sua comunicação por meio das mãos.

Estudou para além de suas expectativas. Em 2000 não havia muitas pessoas com formação em LIBRAS em Parintins. Quem conhecia um pouco dessa comunicação era levado a trabalhar em escola específica, então se trocavam experiências, materiais e, nessas vivências, todos sempre aprendiam. Os livros, muitas vezes, eram os próprios professores, em inúmeras ocasiões assumia-se o papel de autodidatas para poder suprir a necessidade dos alunos e as dos professores com tantas dúvidas que surgiam no percurso. Fernando Capovilla, com sua “gramática trilingue”, foi muito importante para sua formação, mas também “LIBRAS em contexto” e outros tantos foram usados.

A Escola de Áudio e Comunicação de Parintins escolarizava até o 4º ano. A partir do 5º ano, a escola integrava seus alunos em uma outra escola para continuação dos estudos de primeiro grau e, após a finalização dessa etapa, o aluno escolhia se continuava no local para cursar o ensino médio ou se seguia para outra escola. Os alunos surdos estudavam na escola comum em um horário e no contraturno faziam reforço em escola específica de Parintins. Os intérpretes acompanhavam os surdos nas salas de aula comum, interpretavam e aprendiam os conteúdos ministrados nas disciplinas e no outro horário ministravam o reforço para os alunos. Os professores da sala comum não faziam nenhuma mudança pedagógica, era o surdo que tinha que se adaptar à escola, cujo período ficou conhecido como integração na Educação Especial.

Segundo Luz, na concepção dos professores (que não utilizavam LIBRAS), os alunos pertenciam aos intérpretes de LIBRAS (como se fossem professores com responsabilidade formal de educação), mas os intérpretes não pertenciam ao quadro da escola que fazia a integração; estavam lotados na escola de educação especial. Luz relembra que ela e outros intérpretes não pertenciam a nenhum dos dois espaços, o pertencer é partilhar, participar de suas atividades, corroborar para sua melhoria e não permitiam esse fazer.

Esse tempo foi de muitas aprendizagens; estavam-se abrindo caminhos, e ela não fazia parte de nenhuma escola e ao mesmo tempo de duas. Luz pensa que ela e outros se tornaram um pouco híbridos, enrijecidos, com os dois espaços de trabalho, mas também mais sensíveis às especificidades dos alunos. Mudaram com as experiências e

se fortaleceram com elas. Ela permaneceu por muito tempo no 3º ano do Ensino Médio, e concomitantemente aprendia os conteúdos. Quando se iniciou o processo educacional de inclusão e não mais integração, ela saiu do quadro de lotação da escola específica e foi para a escola comum, porém, como é complexo se desvencilhar de antigas práticas, a inclusão não mudou a postura dos professores; para eles os alunos continuavam sendo de responsabilidade do intérprete no que tange sua educação formal. Luz acredita que essa situação foi e ainda é vivenciada por muitos intérpretes brasileiros.

1.4 A pedagogia e Luz

Em Parintins não havia na época universidade pública ou particular. A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tinha sede apenas na capital do Estado do Amazonas, somente foi instalado o campus em Parintins em 2007, por isso, quem quisesse ter nível superior tinha que se mudar para a capital. Poucos faziam essa jornada, porque se alocar na capital despendia muitos recursos e para famílias de baixa renda não era viável.

No entanto, os cursos de nível superior chegaram a Parintins anterior à instalação do campus universitário, os quais vieram por meio de convênios, primeiramente com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e depois com a UFAM, mas a graduação era oferecida apenas para os professores que faziam parte do quadro efetivo da rede estadual. Em 2000, a prefeitura fez um convênio com a UFAM para a oferta de dois cursos de licenciatura, um em Ciências para os professores efetivos e Pedagogia para a comunidade. Assim, surgiu a oportunidade para Luz, os cursos sempre eram modulares e aconteciam em período de férias.

Luz se inscreveu e passou no vestibular, dando início a sua formação em nível superior. Foram quatro anos de trabalho efetivo como intérprete e também de estudo nas férias. Um campo vasto de informações novas organizou-se em seu interior, assim como a experiência profissional que se construiu, vivenciou pouco tempo como professora de sala de aula, agora ela vivia o tempo de ver outros professores ministrarem aulas.

Luz não nega o seu orgulho de ter passado no vestibular, mas, também, por ser a primeira filha da família a ter conquistado tal proeza, parece pouco, isto porque, naquela época de poucas oportunidades, as pequenas conquistas se transformavam em grandiosas vitórias.

As disciplinas cursadas ocorriam geralmente em oito dias em período diurno, e no noturno continuava-se a estudar para executar as atividades solicitadas por seus professores. Conhecimentos se estruturavam, se reestruturavam e muitas vezes se resignificavam. Luz teve muitos professores, alguns a marcaram e outros apenas passaram por sua vida acadêmica.

Diante disso, o estudante tem que se arremeter constantemente em suas experiências, essa facilidade para quem já vivencia a escola é fundamental para a ação reflexiva futura (PIMENTA; LIMA, 2010). Para quem não vivencia, talvez o campo de prático

se configure por analogia a uma corrente sendo forjada, o ferro arde na fornalha para se diluir e os anéis que formam a corrente são moldados, assim, é o campo do prático, uma fornalha onde o estudante reflete o conhecimento aprendido, momento de unir a teoria e a prática (estágio), a partir daí o estudante começa a ser professor (OSTETTO, 2012; PIMENTA, 2010).

O estágio para Luz foi uma experiência comum, haja vista sua vivência, com aula ministrada sobre “animais terrestres, aquáticos e aéreos”, e das confecções de materiais e atividade de fixação. Ela menciona, ainda, que muitas vezes nada mudou, o professor tutor dizia o que tinha que ser realizado, mesmo porque cada professor tem estruturado o seu planejamento e a dimensão do que deseja que seja ensinado. Ela conta que, quando o estagiário chega para ministrar o que havia sido planejado, ele informa a direção que planejará. Relata também que algo que a marcou positivamente foi uma campanha intitulada “Doe um livro e forme um cidadão”, empreendida como parte do estágio. Ela e seus colegas conseguiram muitas obras e estas eram colocadas em um carrinho de supermercado que passava nas salas para os alunos que quisessem emprestar para ler. Anos depois, Luz visitou a escola que estagiou e pôde observar que ainda acontecia a mesma campanha.

Luz usa de sua crítica para mencionar que uma das características dos cursos de férias é a falta de projetos de extensão e pesquisa. O tripé universitário não se constitui como necessário; o ensino é privilegiado, porém faz falta na formação acadêmica como um todo. Ela acredita que a formação constituída nesse elo (educação, pesquisa e extensão) fortalece o acadêmico que pode definir nessas experiências o rumo de sua profissionalização dentro da área escolhida, e também o cidadão consciente de sua condição humanística e de seu papel político-social.

1.5 O processo de formação

Ser intérprete de LIBRAS continuava sendo sua principal atividade como professora. Na rede estadual de ensino vivenciavam-se os mesmos dilemas, pois ainda não se tinha bem-definido (ao olhar dos professores de sala de aula) de quem era (responsabilidade formal de educação) o aluno surdo, e também existia o estigma de docentes que o intérprete de LIBRAS não fazia nada dentro do ambiente escolar. Sempre que se referiam ao discente diziam “O teu aluno”. O intérprete de LIBRAS, muitas vezes, assume várias atividades que não são de sua responsabilidade dentro do ambiente educacional: substitui professor, corrige provas, entre outras. As leis que regulam essa função foram gradualmente se institucionalizando, todavia, com pouca adesão na prática. Luz comenta que há algum tempo retornou à escola e o intérprete estava vendendo picolé; observou e pensou: “Ainda existe pessoas que pensam que o intérprete não faz nada”. Luz foi intérprete até 2014, quando adentrou na UFAM para ministrar as disciplinas de LIBRAS e Educação Especial.

Em 2008 foi lotada na Secretaria de Educação. Nesse mesmo ano teve início a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Inclusão no Brasil, estabelecida

no Decreto n. 6.571, de 17 de setembro de 2008, e na Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009, do Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, que instituiu as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2008; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009). A Secretaria de Educação aumentou o número de técnicos para a Coordenação de Educação Inclusiva em conformidade com a especialização por deficiência e incluiu um Assistente Social para cuidar das parcerias intersetoriais objetivando a formação de professores, de gestores educacionais e municipais, dentre outros profissionais com orientação da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação. Dessa forma, a equipe de coordenação deu continuidade ao trabalho, agora com outros profissionais.

Eram organizados seminários para a área de várzea, terra firme e área urbana, obedecendo ao calendário já preestabelecido e aprovado com o gestor público e secretário de educação. Os recursos que subsidiavam as formações eram de ordem federal e municipal. Nesse período, Luz organizou muitas formações na área de surdez, algumas com o objetivo do ensino da LIBRAS e outras para formação sobre o Atendimento Educacional Especializado para surdos e produção de materiais pedagógicos que podiam ser usados em sala de aula.

A troca de informações e experiências foi muito importante para Luz, que acabou conhecendo espaços, pessoas e comunidades onde funcionavam escolas nucleadas, ou apenas sala de aula multisseriada. Houve nela uma mudança que não pode ser mensurada, tanto em sua área de especialidade como na absorção de outras áreas do conhecimento que passou a conhecer com a equipe e também com os professores das várias localidades amazonenses.

A educação na Amazônia tem peculiaridades inerentes a esse lugar e seu ecossistema pujante. Ler sobre educação desse espaço é diferente de vivenciar a educação nesse mesmo espaço. Almeida (2016, p. 1.083) ressalta que

O diálogo profícuo com os gestores e coordenadores da região Norte do Brasil me permitiu apreender informações sobre contextos escolares assaz diferentes de todos aqueles em que eu havia convivido até aquele momento, reforçando minha convicção sobre a necessidade de entender o outro, apreender os significados que ele atribui ao mundo e às suas experiências para desenvolver um processo formativo que faça sentido para sua prática profissional [...].

Nesse sentido é que as experiências foram de uma variedade esplêndida para Luz. Parintins, localizada na região denominada Baixo Amazonas, zona de divisa entre o Estado do Pará e Amazonas, é o município polo com a responsabilidade de formar também profissionais de outros dez municípios ao redor, dos quais conheceu muitas pessoas e visitou algumas para seminários de orientação.

Luz realizou curso de especialização em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal do Ceará e o conhecimento sobre outras diversas deficiências

se ampliou demasiadamente, dando uma perspectiva geral em sua consciência de responsabilidade por ser professora e formadora. Muitas vezes, ela encontra pessoas que nem sabe o nome, mas que a conhecem, pergunta de onde, envergonhada por não se lembrar e vem a pergunta: “A senhora lembra daquela formação?”. Então ela percebe que não foi apenas ela que foi marcada por sua trajetória, mas também, aquelas pessoas que passaram por sua vida e que é notoriamente visível em seus semblantes no momento do encontro.

1.6 Agora professora universitária

Luz relembra uma pergunta direcionada a ela pelos membros da banca constituída para sua avaliação no concurso público para professor universitário: “Ontologicamente por que você quer ser professora da disciplina LIBRAS?”. Ela realizou uma reflexão rápida de sua história e o porquê de estar naquele lugar. A pergunta foi diferenciada por ter no início a palavra “ontologicamente”. Ela respondeu:

Bem, trabalhar com surdos nos últimos 14 anos me fez adentrar em suas histórias, conhecer seus desafios de viver em um ambiente notoriamente minoritário e claramente excludente. Conversar com eles, entender seus medos, as dificuldades diárias me fizeram querer fazer um pouco mais por eles. Sei que podemos fazer isso de muitas formas, mas na universidade esse caminho será me posto sem tantas lutas. Estarei trabalhando com pessoas as quais posso sensibilizar e que podem se encantar com a LIBRAS e a sociedade se tornará mais inclusiva para os surdos.

Por este e outros motivos é que o ofício de ser professora universitária nessa área encantou Luz. Dentro dela existe diariamente a certeza de que necessita fazer mais a cada dia pela população de surdos. No entanto, ela tem consciência que esse caminho é longo e sua trajetória necessitará de cada vez mais ânimo.

Luz iniciou suas atividades como professora da UFAM, campus Parintins, em 2014, especificamente no segundo semestre, ministrando as disciplinas de LIBRAS e Educação Especial nos cursos de Pedagogia, Artes Visuais e Educação Física. Menciona-se, ainda, que os cursos de bacharelado apresentam em seus projetos políticos de cursos a disciplina de LIBRAS como optativa, todavia, os acadêmicos procuram em outros cursos (licenciatura) e se matriculam, as turmas geralmente são constituídas de 50 a 55 alunos e apresentam pouca evasão.

Já a disciplina de Educação Especial é generalista em seu bojo teórico, haja vista que inclui em seu ementário as múltiplas deficiências, os transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Ressalta-se também a responsabilidade individual de consciência de cada acadêmico que passa por essa disciplina. Uma vez que, eventualmente, um aluno pode sair da disciplina negando a inclusão pelos desafios impostos pelas diferenças existentes e por suas concepções errôneas de percepção humana (KASSAR, 2009; NOGUEIRA, 2010).

Esses entraves que dificultam a consciência de um acadêmico para o despertar inclusive por vezes angustiam Luz, mas ela não deixa de fazer seu papel educacional para valorizar o ser humano independente de suas condições físicas ou mentais. Menciona-se, também, que muitos alunos com algum tipo de deficiência e necessidades educacionais particulares esperam um professor que aceite o desafio de incluí-los no ambiente educacional e a universidade tem papel preponderante na formação do futuro profissional. Com a perspectiva de influenciar positivamente para a inclusão de deficientes, Luz tem refletido sobre sua prática ou mesmo sobre seu fazer pedagógico em sala de aula. Relata ainda que, para influenciar o discente, necessita muito mais que ministrar aulas, carece agir dentro e fora de sala de aula, pois, no lugar que se estiver, sempre há alguém observando, então é preciso viver o que se fala.

Luz tem planejado cada semestre buscando verificar o que deu certo e o que precisa ser refeito, reorganizando as aulas, para que o entusiasmo dos acadêmicos permaneça ou se acentuem, despertando em seu ser um olhar humano para todas as pessoas independente de suas características. Ela ainda percebe que na academia universitária cada professor vive em seu mundo particular. Muitas vezes não há trabalho coletivo, os saberes se compartimentalizam em disciplinas e por mais que se diga que há trabalho interdisciplinar, isso não acontece efetivamente. Há uma separação oceânica onde deveria se conjugar uma teia estruturada para formar o profissional, o ser humano do presente-futuro. Para Morin (2003, p. 18),

O enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade – cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada –, bem como ao enfraquecimento da solidariedade [...].

Esse individualismo espaça saberes, pessoais, profissionais, levando ao separatismo na academia universitária e essa percepção os alunos levam consigo para a vida afora. Luz teve essa sensação ao adentrar na universidade ainda como discente. Cada professor toma conta de sua disciplina e informa em seu plano de ensino o que vai realizar em cada semestre.

Luz procura planejar as disciplinas que serão oferecidas conforme o curso que ministrará aulas no semestre. Na disciplina de LIBRAS, sempre há muita expectativa por parte dos alunos. Trabalha-se a linguística aplicada à LIBRAS e inúmeros sinais que serão usuais quando na prática comunicacional. Ela busca mostrar a trajetória educacional do surdo na história, as políticas de inclusão, as influências externas dos órgãos internacionais para que os países efetivem políticas para esse público.

Faz-se sempre um elo nas duas disciplinas (LIBRAS e Educação Especial) para poder desenvolver atividades que envolvam as diversas turmas. Em 2015, iniciou-se uma atividade envolvendo as duas disciplinas, convidando alguns professores de outras disciplinas principalmente as metodologias de ensino do curso de Pedagogia da UFAM

para a organização de uma mostra de atividades envolvendo jogos, brincadeiras, teatro na Praça dos Bois (local público de Parintins), aberta à comunidade.

A professora de metodologia aceitou participar e os jogos foram confeccionados bem como livros em LIBRAS, teatro com histórias infantis, anunciou-se nas rádios e televisão local, e um público de 300 pessoas envolvendo crianças, adultos, jovens e professores participaram. Após a realização da atividade, Luz e sua equipe receberam muitos pedidos de escolas para que fossem levadas algumas das atividades para os alunos, mas, como os professores foram visitar o evento, estes escolhiam os jogos que eram para ser levados (Figura 4).



Figura 4 – Mostra de atividades de ensino por meio de atividades lúdicas

Fonte: arquivo pessoal da Luz, 2018.

Foram realizadas essas atividades por alguns semestres, algumas vezes os trabalhos foram expostos no hall do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da UFAM, sendo visitados por discentes de outros cursos, por professores e pela comunidade.

Em 2015, 2016 e 2017 submeteram-se propostas de extensão na modalidade “Atividade Curricular de Extensão”, sendo aprovadas por órgãos superiores da

Universidade. O Projeto de Extensão “Oficina de Libras: comunicando com as mãos” objetivou proporcionar para os professores e profissionais das escolas e centros infantis noções básicas de LIBRAS e, também, ideias de materiais pedagógicos. A procura foi muito grande, mas apenas 25 vagas foram abertas para profissionais, no máximo 30, todavia sempre excedia o número de participantes. Tal quantia foi estipulada para que efetivamente se atingisse o objetivo de ensino com o melhor aproveitamento possível.

Nesse período também se realizaram outros projetos de extensão, especificamente em 2016 e 2017, denominado “Circuito de atividades inclusivas”, que propunha estudo por meio de palestras e discussões sobre as deficiências e transtornos, bem como a realização de oficinas. Esse projeto não limitava o número de participantes, a definição do que seria trabalhado nas discussões e oficinas era proposto pelos participantes. Assim, no primeiro encontro era realizado um mapeamento dos conteúdos e o ordenamento levava em consideração o assunto que os participantes achavam mais pertinentes.

Os discentes participantes do projeto buscavam os assuntos, estudavam e organizavam as atividades orientadas pelo coordenador e vice-coordenador e nos encontros o diálogo fluía. Luz acredita que os projetos foram fundamentais para a comunidade, para os discentes e para os coordenadores. Tal experiência proporcionou conhecer outras pessoas com dificuldades diversas quanto à inclusão, mas o que mais chamou atenção foi o modo de (re)planejar as aulas, já que Luz sempre planejou fundamentada em referenciais teóricos e sua própria experiência. Com o projeto, ela percebeu que é preciso conhecer o campo, as experiências que passaram, serviram e servem para refletir, mas sempre existe algo novo, é preciso considerar variáveis, visto que a mesma deficiência não significa um mesmo modo de trabalho porque cada aluno tem suas particularidades.

A atitude do futuro professor (em especial os alunos das licenciaturas) depende também da formação a ele ofertada. Luz participou também do Programa Institucional de Bolsas de Extensão intitulado “A interdisciplinaridade e os saberes a ensinar: contribuições metodológicas em espaços educacionais” em 2016 e 2017 e o encontro nas escolas despertou-lhe ainda mais para a importância de estar nela. Não se pode planejar sem conhecer os problemas da escola, sem essa aproximação a formação é quimérica.

Luz orientou trabalhos de conclusão de curso e participou de algumas bancas avaliadoras como membro, o que lhe fez refletir bastante sobre o que é ser professor. Ela acredita que cresceu essas atividades, e recorda da insegurança do início e sente que não é mais a mesma, apoderou-se de experiência e continua em constante aprendizagem.

Em 2016, assumiu a coordenação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Pedagogia. Na época contava com 12 acadêmicos de iniciação à docência e duas supervisoras, distribuídos em duas escolas da rede estadual de ensino. No mesmo ano, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior publica a Portaria n. 84, de 11 de abril de 2016, que revogava o edital anterior e solicitava um novo projeto institucional para que o programa permanecesse nas universidades, com

inúmeras regras para sua continuidade (BRASIL, 2016). O então coordenador institucional solicitou a cada campus o seu projeto envolvendo os cursos existentes. Reuniram-se as licenciaturas em Artes Visuais, Pedagogia e Educação Física com seus respectivos coordenadores de curso e escreveu-se o projeto, todavia, em 15 de junho, a referida portaria foi revogada e o projeto anterior acabou sendo mantido.

Foi um momento de tensão para os cursos e para os acadêmicos, que têm no programa a oportunidade de participar do ambiente escolar antes dos estágios curriculares, porque tal vivência fortalece a experiência do discente que se vê envolvido pela escola e pelos escolares. Após a revogação deu-se continuidade às atividades, finalizando o ano letivo. Como Luz assumiu o PIBID com o ano letivo em andamento, não alterou o que já havia sido delineado pelo coordenador anterior com os pibidianos (alunos integrantes do PIBID) e supervisores, pois não se pretendia romper com a metodologia estabelecida.

No ano seguinte, os coordenadores de área se reuniram, a preocupação estava centrada em escolas com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica baixo, pois as escolas onde o PIBID atuava as notas estavam altas e o programa primava por escolas com índice baixo. Assim, buscaram-se escolas que acolhessem o programa. Quando encontrada, firmaram-se parcerias, apresentava-se o programa e iniciava-se a seleção para supervisores e após reunia-se com os pais para uma conversa, quando se expunha o que era o programa, sua finalidade e por que era importante a frequência. Definiu-se o trabalho com mitos, lendas, parlendas e trava-línguas, cada licenciatura focaria em atividades relacionadas aos objetivos de cada área.

Assim, escolheram-se para o primeiro semestre parlendas e trava-línguas e para o segundo, lendas amazônicas. O resultado foi demasiadamente satisfatório; ao final do primeiro semestre, outros pais procuraram as supervisoras para que seus filhos pudessem participar. As atividades aconteciam em contraturno e poucos faltavam.

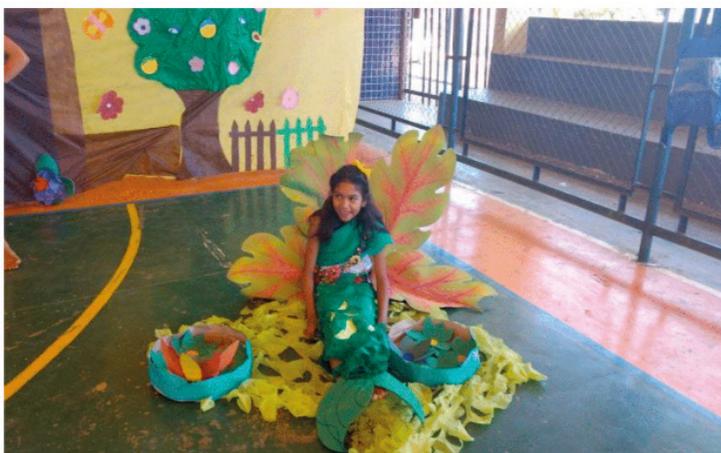




Figura 5 – Atividades realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
Fonte: arquivo pessoal da Luz, 2018.

O PIBID, sob a coordenação de Luz, superou todas as expectativas, e, ao final do ano, os pais estavam agradecidos pelo desenvolvimento educacional de seus filhos, e, quando convidados para participar das apresentações, sempre compareciam.

Luz ainda menciona que teve outras atividades muito enriquecedoras ao longo de sua jornada como orientação de monitoria, representação docente no Conselho Municipal de Educação, vice-coordenadora de duas semanas acadêmicas do curso de Pedagogia nos anos de 2016 e 2017, membro de colegiado, membro de banca de seleção para professor substituto, além de palestras, conferências municipais da pessoa com deficiência, entre outras.

1.7 Da vida pessoal e reflexões

Narrou-se até o momento a trajetória de estudante e profissional de Luz, mas é relevante mencionar da cidadã, mãe e esposa que é. Ela é uma pessoa simples, o jeito de ser tem muito da criação familiar. Sua vida sempre foi de resistência diante dos obstáculos que enfrentou para sobreviver. Essas experiências vividas lhe fizeram amadurecer e cunharam quem ela é no trabalho, na família e na sociedade. Sempre acreditou em um ser superior a guiar-lhe os passos.

Ela olha a vida a partir das perspectivas de suas observações e reflexões e procura agir à guisa de princípios fundamentais para ela como pessoa. Menciona ainda que observa, atentamente, muitos cidadãos se envolverem em causas importantes, como pela natureza, pelos animais, pelas políticas, entre outras, que considera extremamente relevantes diante de atitudes destruidoras da sociedade. E, na universidade, Luz tem a oportunidade de presenciar as lideranças que daquele lugar emergem como guerreiras para auxiliar as muitas lutas que são delineadas pela coletividade.

O mote de suas ações diárias a leva para direções que muitas vezes a faz enxergar muita fome, vícios, misérias humanas e sente que nesse aspecto tem poucos envolvidos para sua minimização. Nesse sentido é que sente fremir seu íntimo, gosta de atividades que levem consolo, aliviando dores físicas, materiais, espirituais e emocionais dos seres humanos. Para ela, essa causa (auxílio humanitário) é urgente e não consta de serviços só para os flagelados, mas também para os bem-vestidos, com boa posição financeira e social, contudo, doentes pelos excessos de toda ordem.

A universidade lhe proporciona trabalhar com diversos atores sociais (alunos, colegas de profissão, entre outros). Em cada sala de aula quase sempre está diante de, aproximadamente, 50 alunos e vê o desafio de os sensibilizar para a inclusão de deficientes e transtornos diversos, pessoas que estão à margem da sociedade há milênios (em uma ótica histórica). Sente-se na obrigação de fazer a diferença como cidadã onde estiver, seja no trabalho ou em qualquer local.

As pessoas costumam pensar que o trabalho em favor do próximo necessita de muito tempo e dinheiro, o que é um ledor engano. Em todos os lugares sempre há a oportunidade de auxiliar alguém, por meio de uma conversa no corredor, uma saudação, um abraço ou um simples aperto de mão. Há muitas formas de servir as pessoas e com grande influência positiva.

Em relação à maternidade, Luz decidiu que teria um filho aos 30 anos, e propôs adotar caso não houvesse uma gravidez. Todavia, aos 32 anos, o projeto se realizava e em 2006 nasceu sua filha que se tornou sua grande felicidade; dedicou-se a ser mãe, viveu para ela, para o trabalho e para a atividade de auxílio ao próximo. Luz pensa que exemplos influenciam mais que palavras, motivo pelo qual prima em levá-la consigo para o serviço de atividades fraternas.

Luz apresenta como objetivo educá-la em princípios que pensa ser primordiais para o ser humano e encaminhá-la para uma profissão que lhe auxilie a jornada terrestre. Mas é ciente de que não será algo fácil, tendo em vista o panorama social brasileiro. Contemporaneamente, há uma tendência de os pais não darem a atenção necessária para seus filhos e isso é preocupante. Os pais perdem-se com excessos de atividades, querem ganhar mais dinheiro e trabalham incansavelmente para tê-lo e acabam esquecendo a família. Querem oferecer todo o conforto a seus filhos, mas a presença em suas vidas talvez seja o que mais estes almejam.

Luz apresenta receio em não saber dosar sua vida entre a família, o trabalho e a atividade social e com isso perder oportunidades de valorização humana. Ela costuma dizer que o objetivo da vida não deve ser somente trabalhar, deve existir algo a mais para Deus ter permitido seu nascimento nessa terra. Descreve, ainda, ter uma relação conjugal há quase seis anos, e relata que a convivência a dois apresenta seus desafios, e tem aprendido muito com a relação oficializada. Seu esposo está sempre ao seu lado, e é um sensor, que lhe orienta quando começa a estar mais no trabalho do que com a família.

21 CONCLUSÃO

Ao finalizar a escrita deste relato de experiência vivenciado por Luz, uma mulher guerreira e que luta constantemente por um convívio harmonioso e uma sociedade melhor, os autores acreditam que seu objetivo fora atingido de forma eficaz ao longo do fluxo textual. Luz crê que o aprendizado, por meio da experiência de vida, é constante e é preciso dominar com qualidade o conhecimento para melhor aproveitamento. É sábio acreditar que nada na vida é finalizado, é necessário pesquisar sempre mais, é preciso sair do comodismo (independentemente do local onde se esteja e da condição sociocultural em que se encontra) e ganhar o mundo em benefício de todos.

Parte das vivências de Luz, aqui expostas, pode auxiliar na reflexão do leitor por meio de inúmeros enfoques, tais como: antropológico, psicológico, pedagógico, sociológico, filosófico, entre outros. Por fim, a trajetória de parte da vida por ela percorrida e relatada por meio deste manuscrito contribui como um estímulo ao estudo e à luta diária para o bem comum, seja ele profissional, social, educacional, emocional ou moral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Memorial reflexivo: retratos e tempos vividos entre lugares na academia e na escola. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 1.054-1.106, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76647706013>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Não paginado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394, em 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Não paginado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Decreto n. 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 set. 2008. Não paginado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n. 84, de 11 de abril de 2016. Revoga a Portaria n. 46 de 11 de abril de 2016, publicada no DOU de 15/04/2016, que aprova o Regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 jun. 2016. Não paginado. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=326#anchor>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRUNO. Cartilha Caminho Suave — PASSARINHO. **Notícias Ponto Com**, 2017. Não paginado. Blog. Disponível em: <http://noticiasdobrunopontocom.blogspot.com/2017/02/cartilha-caminho-suave-passarinho.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

GARCIA, R. A inesquecível cartilha Caminho Suave. **Veja São Paulo**, São Paulo, 2017. Não paginado. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/a-inesquecivel-cartilha-caminho-suave/> Acesso em: 12 ago. 2021.

KASSAR, M. Políticas de inclusão: o verso e o reverso de discursos e práticas. In: JESUS, D. M. et al. (org.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 21-31.

LEITE, F. T. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa – monografias, dissertações, teses e livros**. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

LIMA, R. Palmada educa? **Espaço Acadêmico**, Maringá, 31 jul. 2010. Não paginado. Blog. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2010/07/31/palmada-educa/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MACIEL, M. Agrovila do Caburi será beneficiada com pacote de investimentos, anuncia Bi Garcia. **Repórter Parintins**, Parintins, 28 maio 2018. Não paginado. Disponível em: <https://reporterparintins.com.br/?q=276-conteudo-84202-agrovila-do-caburi-sera-beneficiada-com-pacote-de-investimentos-anuncia-bi-garcia>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Gaetano Lo Monaco. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, A. L. H. O trabalho docente nos múltiplos sentidos da diversidade. In: KASSAR, M. C. M. (org.). **Diálogos com a diversidade: desafios da formação de educadores na contemporaneidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 55-75.

OSTETTO, L. E. O estágio tecido com os fios do ensino, da pesquisa e da extensão. In: NORONHA, E. C. S. F.; ANDRADE, I. C. F.; MAURÍCIO, W. P. D. (org.). **Itinerários da formação docente: saberes e experiências do estágio curricular do USJ**. São Paulo: Laborciência, 2012. p. 17-32.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSSA, P. L. Proposta para o ensino médio na nova LDB. In: GARCIA, W.; CUNHA, C. G. (coord.). **Politecnia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 13-18. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001620.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TENÓRIO, A. Iso 9001 pode ser implantado na Escola Suzana de Jesus Azedo. **Jornal Gazeta Parintins**, Parintins, 31 out. 2013. Disponível em: <http://gazetaparintins.blogspot.com/2013/10/certificado-iso-9001-pode-ser.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TENÓRIO, A.; SOARES, G. Moradores do Caburi acusam alguns veículos de comunicação local de negligência. **Jornal Gazeta Parintins**, Parintins, 8 abr. 2013. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-yBDTYZMKpac/UWM0ZUD3Nhl/AAAAAAAAAH4E/c1zAf26YFZs/s1600/CABURI.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 2, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 48, 60, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 103, 123, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 157, 162, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 174, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 188, 200, 201, 205, 206, 207, 211, 217, 218, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 245, 246

C

Cibercultura 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Cultura Contemporânea 140, 143

D

Desenvolvimento docente 86, 88, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 241

Dialogismo 20

Docente de medicina 86

Docentes de enfermagem 86

E

Educação 2, 9, 10, 12, 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 131, 133, 134, 135, 138, 139, 147, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 248, 249

Educação Matemática 101, 102, 116, 166, 198, 203, 205, 216, 218, 221, 227, 228

Educação Superior 86, 98, 99, 124, 157, 192

Emoção 74, 77, 78, 82, 83, 84

Ensino Fundamental 13, 21, 70, 75, 122, 127, 160, 166, 167, 187, 194, 199, 200, 207, 208, 211, 213, 214, 220, 222, 223, 227, 228, 232, 234, 235, 237, 238

Ensino híbrido 13, 17, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 183, 184

Ensino Médio Integrado 13, 173, 174, 180

Estágios 12, 130, 131, 133

Estágio Supervisionado 12, 50, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 133, 134, 244

F

Formação 9, 10, 11, 12, 13, 14, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 69, 70, 74, 78, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248

Formação Continuada 14, 18, 100, 166, 167, 229, 233, 234, 235, 238, 248

Formação de professores 12, 13, 10, 18, 19, 26, 28, 41, 56, 65, 74, 102, 103, 105, 106, 108, 110, 115, 116, 123, 128, 129, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 168, 172, 176, 183, 194, 208, 218, 232, 235, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 248

Formação Docente 11, 12, 13, 1, 9, 11, 18, 86, 99, 125, 130, 173, 184, 186, 216, 227, 238

Formação integral 173, 178, 180

Formação Pedagógica 12, 9, 94, 95, 118, 119, 120, 123, 134, 160, 184

H

História 19, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 57, 58, 65, 96, 99, 106, 107, 108, 132, 136, 137, 138, 149, 150, 151, 154, 177, 181, 184, 190, 201, 209, 227, 243, 244

História de vida 28, 29, 32, 40, 43, 44, 96, 107, 108, 177, 243

I

Identidade 11, 9, 15, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 30, 32, 37, 40, 52, 80, 86, 87, 88, 95, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 107, 111, 112, 113, 114, 116, 123, 125, 127, 128, 129, 170, 192

Identidade docente 11, 20, 21, 23, 86, 95, 96, 125

Indústria Cultural 12, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 153

J

Jovens Doutores 12, 118, 119, 120, 122, 123, 124

L

Licenciaturas 12, 60, 61, 126, 130, 132, 133, 160, 186, 188, 189, 192, 193, 197, 240, 242, 244, 245, 247

Linguagem 20, 23, 24, 25, 26, 85, 88, 106, 117, 144, 201, 205

Linguística Aplicada 20, 24, 25, 58

M

Matemática 12, 13, 33, 49, 101, 102, 103, 107, 109, 112, 113, 114, 116, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 234, 235, 237, 244

Memória 7, 32, 45, 74, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 127

Memoriais 125, 127, 129

N

Neurociências 11, 74, 76, 77, 84

P

Pandemia 1, 2, 3, 4, 5, 8, 17, 86, 91, 174, 178, 180, 183

Percurso profissional 12, 87, 118, 119, 123

Políticas 9, 12, 7, 35, 51, 58, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 88, 112, 124, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 181, 184, 186, 188, 189, 190, 194, 198, 199, 201, 203, 210, 212, 221, 225, 229, 230, 232, 237, 241, 242, 243, 245

Políticas Educacionais 67, 73, 156

Portfólios 125, 126, 127, 129

Precarização do Trabalho 9, 11, 67, 68, 72, 193

Professor 9, 13, 14, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 26, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 51, 55, 57, 58, 60, 62, 70, 71, 75, 77, 81, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 128, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184, 191, 192, 193, 198, 199, 200, 204, 206, 210, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 236, 239, 242, 243, 245, 246, 247, 248

Professor de Matemática 13, 101, 102, 109, 198, 199, 204, 216, 218, 219

R

Reflexiva 17, 35, 41, 52, 54, 117, 129, 155, 156, 161, 163, 164, 169, 172, 238

Relato de experiência 43

S

Saberes 10, 13, 10, 11, 12, 19, 26, 58, 60, 65, 88, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 116, 119, 128, 135, 138, 156, 164, 166, 168, 169, 170, 184, 194, 213, 233, 237, 238, 247, 248

Ser professor 9, 9, 10, 11, 33, 43, 55, 60, 94, 99, 100, 102, 104, 105, 107, 111, 135, 160,

227

Sujeito 4, 10, 20, 23, 24, 25, 26, 30, 33, 36, 37, 38, 50, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 94, 96, 97, 102, 104, 106, 111, 112, 114, 115, 127, 134, 170, 181

T

Trabalho Docente 9, 11, 65, 67, 68, 69, 73, 87, 100, 114, 115, 117, 158, 165, 168, 176, 181, 193, 244, 245

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

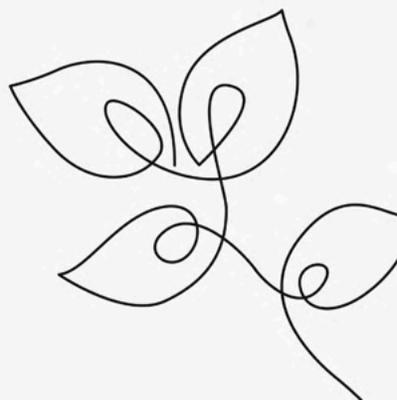

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.

